

**A religião como instrumento político:  
a missão protestante e os índios no Brasil Holandês (1630-1654)**

*Gabriela Maria Costa da Silva<sup>1</sup>*

O principal aspecto a ser abordado nessa pesquisa, a partir da invasão holandesa, refere-se à questão do ensinamento da religião protestante dos holandeses, aos indígenas do território pernambucano. Ou seja, identificar aspectos sociais e religiosos, no que tange o relacionamento com os índios e a mentalidade da população local no período.

São analisadas assim expressões, costumes e a cultura de um período ímpar e complexo, onde a importância do resgate do ambiente se faz obrigatório para a compreensão não apenas do que representou a invasão holandesa ao nordeste brasileiro, bem como suas peculiaridades.

A pesquisa em questão busca reconstruir não os costumes da sociedade indígena, mas estimular uma maior compreensão do que significou a relação com uma nova cultura. São utilizadas correspondências trocadas entre Conselhos Políticos na Holanda, representantes do poder no Brasil, notícias sobre conflitos entre religiosos católicos e indígenas, relações amistosas e conflitos destes com os invasores e religiosos, e a propagação da religião reformada entre os nativos, este trabalho destina-se assim a se enquadrar em uma nova abordagem dos campos historiográficos social e político, trabalhando um tema bastante estudado, visto sob outra perspectiva.

É importante perceber que as religiões favorecem a relação homem, espaço e religião. Podemos definir o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva e transporta o homem religioso para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência.

O sagrado é identificado na organização do espaço, não somente pelos impactos gerados, mas, também, pela forma essencialmente integrada entre religião e tempo. Em diferentes contextos sócio-espaciais o fato religioso registra marcas no espaço. São

---

<sup>1</sup> É mestranda do Programa de pós-graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), responsável pelos documentos manuscritos da instituição.

formas simbólicas, imagens, símbolos e outras portadoras de significados religiosos que no período em questão também ocorreu. Em Pernambuco, as modificações dos espaços sagrados em nítidas e essas questões serão discutidas ao longo do texto.

No século XVII, conhecendo a estrutura das colônias portuguesas por aqui instaladas e visando a possibilidade de sucesso com a entrada na colônia, os holandeses colocaram parte de seus planos em prática, invadindo e se estabelecendo no nordeste do Brasil, travando uma luta árdua contra portugueses, espanhóis e mesmos os nativos.

A tentativa de implementação da Protestante no Brasil Colônia se deu em três diferentes momentos, sendo que em todas, houve resistência e conseqüente expulsão por parte dos portugueses católicos. A primeira tentativa se deu com a Igreja Reformada dos franceses no Rio de Janeiro de 1557 a 1558; a segunda, com os dos Holandeses na Bahia de 1624 a 1625, e a terceira ocorreu ainda no nordeste por holandeses, alemães, ibéricos, ingleses, franceses e índios, esta foi a mais longa e se estendeu por quase três décadas.

Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco constituíam os principais centros urbanos do Brasil Colônia do século XVII. A riqueza produzida pelo açúcar brasileiro ajudava a consolidar o domínio Espanhol, superando os demais países europeus, principalmente a jovem República dos Países Baixos.

Entre os motivos que impulsionaram a invasão holandesa no Brasil, encontram-se tais divergências entre a Espanha e os Flamengos. Na Holanda, pouco depois de 1500, a casa de Habsburgo chegou ao poder reunindo possessões alemãs, espanholas e holandesas nas mãos de Carlos V. Em 1580, com a União Ibérica comandada pela Espanha e Portugal, seus domínios também passaram a fazer parte dos Habsburgos.

Em conseqüência das invasões à Região Nordeste do Brasil, os holandeses dominaram todas as etapas da produção de açúcar, desde plantio da cana-de-açúcar ao refino e distribuição. Com o controle do mercado fornecedor de escravos africanos, passou a investir na região das Antilhas. O açúcar produzido nessa região tinha um menor custo de produção devido, entre outros, à isenção de impostos sobre a mão-de-obra e ao menor custo de transporte o que levou os portugueses à queda das exportações do produto.

A intenção da Holanda era constituir uma potência mundial, e tal idéia era facilitada por sua localização litorânea, favorecendo a navegação, e com isso um comércio ultramarino. Outra vantagem era que Hinterland<sup>2</sup> do Império Alemão lhe era atribuído como mercado consumidor. Até fins do século XVI, os Países Baixos detinham seu comércio marítimo com os países ibéricos, enviando produtos como o trigo e a madeira, e recebendo produtos tropicais de suas colônias. No momento em que a Espanha assumiu esse comércio, os holandeses iniciaram sua navegação transoceânica, chegando a colônias do Império luso-espanhol.

O vigoroso comércio ultramarino formado pelos holandeses organizou duas companhias para o fortalecimento da cooperação entre as empresas e para a sua proteção frente aos espanhóis. Assim, em 1602, foi criada a Companhia das Índias Orientais (VOC), que foi o resultado do esforço holandês a partir de interesses políticos, econômicos e militares no extremo oriente e, em 1621, quando retomada a luta contra a Espanha, foi criada a Companhia das Índias Ocidentais (WIC), que tinha no Atlântico, sua área de atuação – tratava-se de um misto de sociedade mercantil e empresa colonizadora. Seu objetivo fora garantir o mercado fornecedor e, quando possível, criar colônias nas regiões produtoras. Sua interferência atingiu também o tráfico negreiro, até então monopolizado por Portugal e indispensável ao modelo de produção açucareira instaurado no Brasil e uma reação às ações Espanholas.

Para melhor entender a questão da evangelização, é importante conhecer os principais atores e disseminadores da fé reformada na colônia, desde a chegada até suas movimentações e permanências na colônia.

A presença do protestantismo no Brasil se institucionalizou, pela primeira vez, no século XVII, quando da dominação holandesa em parte do nordeste brasileiro, entre o Ceará e o Rio São Francisco. Com efeito, tal dominação estava relacionada às disputas pelo território português na América. Mas, para os homens e mulheres dos séculos XVI e XVII, estas questões geopolíticas e econômicas não poderiam ser desassociadas do aspecto religioso. Portanto, há que se considerar, para além das questões econômicas e

---

<sup>2</sup> A palavra é de origem alemã e, é aplicada a região junto a um porto, de direito do estado que responde pela costa. A área de onde produtos são entregues a um porto para embarque é chamada de o hinterland do porto.

políticas da disputa de poder, o projeto missionário, bem como as diversas reações e conflitos que aconteceram no desenrolar dessa fase.

Foi no Sínodo Nacional de Dordt, em 1618 e 1619, que a missionação foi abordada e tratada como política dos Estados Gerais:

Para que as pessoas possam ser trazidas à fé, Deus misericordientemente envia proclamadores dessa jubilosa mensagem às pessoas que ele quer no momento que ele quer. E por meio deste ministério as pessoas são chamadas ao arrependimento e à fé no Cristo crucificado. Por que crerão naquele de quem não ouviram?<sup>3</sup>

Ainda nesse documento, é apontada claramente a intenção de “(...) *ser anunciada e declarada sem diferenciação ou discriminação a todas as nações e povos, a quem Deus em seu bom propósito enviar seu evangelho*”.<sup>4</sup> indo ao encontro do fim proposto no primeiro capítulo de estender essa missionação a outros territórios.

Em relação aos indígenas, faz-se necessário entender a maneira como foi constituído o processo pelo qual o evento histórico de evangelização foi levado a efeito pela Igreja Cristã Reformada, como chegou e foi assimilado pelas culturas nativas a partir de suas próprias visões de mundo.

É preciso ter em mente, que a região de dominação era composta de índios já catequizados pela Igreja Católica e que estes sofrem, num segundo momento, uma (re) catequização da Igreja Cristã Reformada, há dessa forma, que se problematizar as especificidades históricas e as singularidades culturais desse complexo processo de re-evangelização. A intenção de missionar alcançaria um povo conhecedor da realidade de outra religião, atribuindo a essa conversão um conjunto de ações e reações distintas. Procuraram nos nativos, suas idéias sobre divindade, com o objetivo final de iniciar sua evangelização, pois era desconhecida para os neerlandeses a noção indígena de Deus.

O primeiro desafio do projeto seria a questão do idioma. Tornava-se necessária a existência de uma língua-padrão para atingir um número maior de adeptos, seria

---

<sup>3</sup> Artigo 3. Primeiro ponto principal da doutrina divina, eleição e reprovação. *Cânones de Dordrecht (1618-1619)*

<sup>4</sup> Artigo 5. Segundo ponto principal da doutrina, a morte de Cristo e a redenção humana através dela. *Cânones de Dordrecht (1618-1619)*

preciso, dessa maneira, um meio mais eficaz: a utilização da língua nativa.<sup>5</sup> A complexidade dessa tarefa não consistiria apenas na tradução dos termos, mas nas associações e tradições culturais. Processo esse realizado pelos primeiros catequizadores, os católicos, principalmente os jesuítas: *Bispo é Pai-guaçu, quer dizer, pajé maior. Nossa Senhora, Tupansy, mãe de Tupã. O reino de Deus é Tupâretama, terra de Tupã. Igreja, coerentemente é tapâoka, casa de Tupã. Alma é anga. (...) Demônio é anhangá, (...).*<sup>6</sup>

Ao firmarem-se no Nordeste brasileiro, os missionários tinham em pensamento que a catequização católica já fazia parte da realidade indígena. Já tinham sido criados e apresentados conceitos, palavras, referências e associações. Com isso, toda uma estrutura já havia sido elaborada e estava em andamento, o que poderia dificultar as pretensões dos invasores.

Sendo assim, o Conde Maurício de Nassau ordenou aos “(...) *pregoeiros da palavra divina zelo sério e flagrante das almas e que atraíssem os bárbaros com o exemplo de uma doutrina e vida mais austera; que os impregnassem com o suco salutaríssimo da fé cristã (...)*”.<sup>7</sup>

Como parte do ideal de evangelização os pastores reformados decidiram por elaborar um Catecismo para a instrução dos indígenas nas verdades da Religião Cristã Reformada para reforçar seus fundamentos, atingir uma parcela maior da população e esclarecer, assim, prováveis dúvidas em relação à nova religião.

Os catecismos já existiam antes da Reforma, todavia a principal diferença é que a partir de então, as orações e os principais elementos da doutrina passaram a ser elaborados na forma de perguntas e respostas alternadas. Esses documentos foram, primeiramente, guias para os que ensinavam. Eram elaborados em um primeiro momento para ser o livro de quem ensinaria, em pouco tempo tornaram-se uma espécie de livro auxiliar:

---

<sup>5</sup> POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.p. 86

<sup>6</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992. In: *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missionação calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.93

<sup>7</sup> BARLÉU, Gaspar. *História dos fatos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1974. p.325

Exemplo disso foi o pequeno catecismo de Lutero, elaborado com a finalidade de auxiliar pastores incultos, mas que em pouco tempo passou a fazer parte da vida dos leigos. Daí, afirmando a seu respeito, que se tornara a “Bíblia do comum”, “um curto resumo de todas as Sagradas Escrituras”. Para os reformados, o catecismo tornou-se tão importante como via de instrução religiosa laica que em muitas partes da Europa a capacidade de responder de forma correta as perguntas deste, constituía um pré-requisito para a admissão a Ceia do Senhor, principal ritual das Igrejas Protestantes.<sup>8</sup>

Dessa maneira, o papel que o catecismo desempenhava, era de extrema importância como via de instrução religiosa. Desse modo, em outubro de 1638 a liderança da Igreja Reformada, reunida no Recife, decidiu elaborar um novo Catecismo, já que o Catecismo do reverendo Joaquim Soler elaborado em 1637, em espanhol, não retornava da metrópole, lugar onde seria impresso.

Optaram por elaborar “(...) *um breve, sólido e claro compendio da religião cristã*”<sup>9</sup>, contendo também formulários e outras atribuições da Igreja, como o batismo. Desta vez, teve como responsável o pastor David van Doreslaer com a ajuda do pastor Soler, revisado pelo pastor Van der Poel e Polhemius. Esse catecismo recebeu o título de “*Uma instrução simples e breve da Palavra de Deus nas línguas brasiliã, holandesa e portuguesa, confeccionada e editada por ordem e em nome da Convenção Eclesial Presbiterial no Brasil, com formulários para batismo e santa ceia acrescentados*”.<sup>10</sup>

O trabalho foi encaminhado à Câmara da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdã, e de lá, ao Presbítero de Amsterdã, “(...) *quanto ao catecismo organizado e revisto por alguns irmãos, ficou resolvido manda-lo para Metrópole, a fim de ser impresso em três línguas, a saber: holandesa, portuguesa e tupi*”.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> : *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.107.

<sup>9</sup> *Atas dos sínodos e classes do Brasil, no século XVII, durante o domínio holandês*. Ed. e trad. port. Pedro Souto Maior. RIHGB, tomo especial nº 1, do 1º Congresso Nacional de História: 707-80, 1912, p. 730.

<sup>10</sup> *A Religião Reformada no Brasil* (...) op.cit, p. 732

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 749

A comissão, escolhida pelo Presbitério, para a análise do Catecismo, concluiu não haver, propriamente, nada de errado com a obra. Mas ressaltava a preferência por seguir mais de perto a ordem do Catecismo de Heidelberg. Perguntas extensas com respostas não tão longas, também não agradaram a comissão. E, por último que as fórmulas sobre o Batismo e a Santa Ceia eram diferentes das aprovadas pelo Sínodo de Dordt, incluindo as orações. Portanto, concluindo ser perigosa a elaboração de novas fórmulas, o Presbitério sentenciou que tal manuscrito fosse devolvido à Companhia das Índias Ocidentais, sem autorização para a impressão e que se informasse a decisão à Igreja no Brasil. O que o Presbitério em Amsterdã denominou de “novas fórmulas”, foi o resultado da tradução da fé reformada, principalmente o que diz respeito ao Catecismo de Heidelberg e das fórmulas para o Batismo e a Comunhão, para a língua brasileira.

Através de uma carta endereçada ao Presbitério de Amsterdã, diante de todos os acontecimentos, o pastor David van Doreslaer, autor do catecismo justifica a forma como o Catecismo foi elaborado. Diz ele que a:

“simplicidade dos brasileiros exigia uma maneira um tanto infantil de ensinar, e ele procurou regular-se por esse fato. Além disso, era-lhe impossível usar literalmente as expressões da forma da ceia do Senhor, porque a língua brasileira era tão bárbara, que nela não era possível expressar todas as idéias teológicas; (...) Na própria Escritura todo o trabalho de redenção se expressa muitas vezes somente na palavra “sofrimento de Cristo”, e por isso maravilhava-se de que a Holanda tanto se assustasse. Posteriormente, quando soubesse melhor a língua, acharia se Deus quisesse, palavras para descrever essa imputação da justiça ativa”.<sup>12</sup>

O Presbitério aceitou a explicação do pastor Doreslaer, porém mais uma vez insistiu em que ele deveria ter sido mais cuidadoso com suas palavras.<sup>13</sup> Todavia, o propósito do pastor, não era fazer uma cópia fiel do Catecismo de Heidelberg, apenas traduzi-lo para a chamada língua geral dos brasileiros, elaborando um texto com os princípios do Catecismo, no entanto, acessível à população.

---

<sup>12</sup> “Carta de 15/06/1642, encaminhada pelos representantes do Presbitério do Brasil aos Deputados do Presbitério de Amsterdam”. Apud. SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil holandês. 1630-1654*.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.324.

Uma grande dificuldade foi relacionar as palavras e termos religiosos para o vocabulário indígena, reduzido pelo auxílio involuntário da catequização anterior – católica – que havia produzido todo um vocabulário. Pierre Moreau por meio de suas crônicas indica a participação jesuíta na criação de uma ortografia para a língua dos índios. E notícia que os missionários e mestres-escola da Religião Reformada se valiam desta mesma língua para seu trabalho missionário entre os índios.

“Os jesuítas são dignos de louvor por terem organizado uma ortografia que exprima todas as palavras e dicções de sua língua, muito próxima da pronúncia nativa, em letras de nossos caracteres (...). Os holandeses, depois, também sempre mantiveram pregadores e mestres-escolas para evangelizá-los e ensinar-lhes a religião cristã nessa mesma língua”.<sup>14</sup>

A carta do pastor David van Doreslaer, que constitui uma das poucas referências, até o momento, para pensarmos na transposição da mensagem cristã reformada para o interior dos códigos Tupi, ou mais precisamente para o interior da língua geral, foi escrita porque a Companhia das Índias, não considerando o parecer do Presbitério de Amsterdã, publicou o “Catecismo brasileiro”, não sendo pequeno a movimentação negativa que tal decisão provocou. No entanto, do pequeno Catecismo brasileiro, o que se sabe é que parece ter desaparecido junto com os índios reformados do Brasil Colonial. Documento importante, de parte de nossa história e que nos ajudaria a pensar, entre outras coisas, nas questões de traduções.<sup>15</sup>

De qualquer maneira, há muitas questões a serem pensadas a partir da presença reformada entre os índios de parte do nordeste brasileiro, já cristianizados pelos católicos e suas ordens religiosas. De modo que procuramos salientar mais uma vez, que a história dos índios só pode ser entendida a partir do relacionamento com a história européia. E que, faz-se necessária a identificação dos processos, as negociações e os instrumentos através dos quais se processaram as transformações pelas quais passaram os grupos indígenas em contato com as sociedades ocidentais.

O primeiro culto da Igreja Cristã Reformada em Olinda foi realizado na Páscoa de 1630, na Igreja Matriz do Salvador do Mundo, um templo anteriormente católico, que teve suas imagens e representações retiradas para servir ao culto protestante. O predicante Johan Baers foi o responsável por esta celebração e contou que: “*Pela Páscoa os Srs Conselheiros mandaram*

---

<sup>14</sup> MOREAU. op.cit., p. 86.

<sup>15</sup> *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.124

*abrir a principal igreja paroquial de Olinda, orná-la e prepara-lá, onde no dia da Páscoa fiz a primeira prédica (...)*”.<sup>16</sup>

Despojados dos adereços da fé católica, doravante os templos reformados passavam a caracterizar-se pela singeleza minimalista e iconoclasta de seu exterior, bem como de seu interior, cujas paredes eram caiadas de branco, sem nenhum quadro ou imagem de escultura, contendo apenas um púlpito, numa estante de coro e bancos para membresia.<sup>17</sup>

Diogo Lopes Santiago relata também as características dos novos templos adaptados, em sua *História da guerra de Pernambuco*, o morador do Arraial Novo do Bom Jesus descreve com surpresa que, “(...) o inimigo tanto que se apoderou da vila de Olinda, sábado 16 de fevereiro de 1630, fez mil exorbitâncias, e insultos, não perdoando a coisa alguma; entrando nos templo, executou a perfídia herética, nas sagradas imagens, vasos, e vestes sacerdotais, com muitos impropérios, roubando tudo (...).”<sup>18</sup>

Em sua obra *O Valeroso Lucideno*, frei Manuel Calado escreve uma crônica da resistência portuguesa ao invasor Neerlandês, à época da segunda das Invasões ao Brasil. A obra, predominantemente em prosa, apresenta caráter clássico e refere-se aos protestantes como hereges invasores e destruidores dos templos católicos.

Embora o já citado predicante Baers tenha sido o primeiro religioso a registrar os primeiros dias da Igreja Cristã Reformada em Pernambuco, não significava que ele estivesse sozinho. A autora Maria Aparecida Ribas reitera que ele :

“(...) não foi o primeiro predicante a incorporar a expedição de conquista: ao menos mais um clérigo participou da expedição na qualidade de capelão do almirante Hendrickcs Lonck(...)É possível que o predicante acompanhasse o almirante, e que ficou em terra, tenha sido o pastor Willelmus Pistorious, pois numa correspondência do coronel Waerdenburch aos Dezenove Senhores, datada de 1631, há

---

<sup>16</sup> *Olinda Conquistada: narrativa do padre João Baers*. In: *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.38

<sup>17</sup> *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.38

<sup>18</sup> *História da guerra de Pernambuco*. In: *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.38

referência a este predicante, assim como em outras correspondências deste mesmo ano, no entanto, outros nomes (...) figuram na documentação de 1631.”<sup>19</sup>

Em sua pregação, o religioso Baers pede a Deus, “(...) *Abençoa os pequenos fundamentos que ali estão lançados [na Ordem de Dordt] , dai crescimento às prédicas de Vossas divinas palavras que ali, por graça Vossa, na medida dos nosos dotes planejamos.*”<sup>20</sup>

A Ordem de Dordt instituía entre outras coisas que, “(...) *o Conselho cuidará primeiramente do estabelecimento e exercício do culto público por meio de ministros, segundo a ordem seguia na igreja cristã reformada destas Províncias Unidas, a palavra Santa de Deus e o ritual da união aceito pelas mesmas Províncias*”<sup>21</sup>

Cabiam aos predicantes levar a palavra de Deus para onde fossem, administrar os sacramentos, entre outras funções. Boa parte dos que atuaram no Brasil Holandês, tinham seus nomes escritos em livros de Confissões da Classe de Amsterdã e Walcheren. E embora servissem a Igreja, estes eram contratados pela Companhia de Comércio.<sup>22</sup>

Seu tempo de permanência variou de dois a quatro anos de trabalho na colônia, no entanto, ao final do seu contrato, muitas vezes era pedido ao predicante que ampliasse o período de continuidade de seus afazeres, já que “(...) *a carência de obreiros e a enormidade das tarefas levavam os predicantes a pedirem a permanência de seus colegas na colônia*”<sup>23</sup>

Até 1636, é difícil encontrar documentações referentes as atividades protestantes no nordeste, pois foi a partir de então que instituíram-se duas reuniões anuais para tratar de tópicos eclesiásticos, as chamadas reuniões de Classe (nomenclatura eclesiástica que

---

<sup>19</sup> *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654).* op.cit.p.39

<sup>20</sup> BAERS, op. cit., p.98.

<sup>21</sup> *Regulamento do governo das praças conquistadas.* Op.cit,p. 292.

<sup>22</sup> SCHALKWIJK, op. cit, p. 166.

<sup>23</sup> *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654).* op.cit.p.41

designa um grupo de igrejas da mesma região organizada numa convenção ou um presbitério). São esses encontros que geram um número grande de interessantes informações acerca do período em questão. Trata-se da relação dos predicantes com a o Conselho Político de Recife, com os *Dezenove Senhores*, alta cúpula da Companhia e sobre a população.

No ano de 1636 ocorreu ainda a chegada de Vicente Joaquim Soler, considerado o pai da missão Reformada no Brasil, e responsável por muitos documentos utilizados nesta pesquisa, principalmente suas correspondências com a metrópole.

Soler chama atenção para alguns vícios que os religiosos protestantes possuíam, e que além de pecaminosos, impediam o andamento do projeto de missionação. Por muitas vezes a embreaguez atingia um bom número de religiosos, que mesmo antes de chegarem a colônia detinham essa criticada prática.

Ao Brasil holandês chegaram vários exemplares do livro *Ló Sóbrio*, de autoria do predicante Daniel Souterius, certamente com o mesmo pelo qual fora publicado na metrópole, de autoria do predicante Daniel Souterius, certamente com o mesmo objetivo pelo qual foi publicado na metrópole: auxiliar os predicantes a lidar com os excessos étlicos de muitas ovelhas do rebanho calvinista, bem como de alguns de seus pastores. Com efeito, a julgar por uma série de indícios, o predicante Joducus Stetten não foi o único predicante a sucumbir ao vício nacional. Em 1634, um predicante em Erichem, Jan Swartenius, sofreu as mesmas penas que, em 1637, Stetten sofreria: foi expulso do ministério pastoral por sua persistência no vício da embreaguez.<sup>24</sup>

Vicente Joaquim Soler em carta a André Rivert, em Haia, datada de 16 de Julho de 1636, adverte quanto a impressão que tem da colônia e o temor da dificuldade que teria para implantar o projeto, mas que almejam conquistar definitivamente a região, todavia para isso necessitaria mais aparatos que dispunha:

Assim, não temos aqui senão fezes da Holanda, Zelância, etc.; gente que não sabe o que é civilidade ou honra e menos ainda temos ao Soberano. Essa gentefica tão escandalizada disso, que mais aconselhável seria participar de um baile, do que persuadi-los a abraçar a Religião. O país é bom e muito agradável, e se fosse livre, seria uma residência conforme todos os desejos. Que Deus nos dê vitórias todos os dias. E segundo o juízo humano, se tivéssemos ainda 1.400 ou 1.500 homens, expulsaríamos o inimigo totalmente. Na terra temos tantos homesn que ele; no mar não dispõem de nenhum navio,

---

<sup>24</sup> Ibidem, p.45.

ao passo que nós temos uma boa armada, dirigida por um valeroso Almirante.<sup>25</sup>

Além do vício da bebida alcoólica, algumas atitudes de prediques deixavam Soler insatisfeito, como a falta da utilização de roupa adequada, e compra de grandes propriedades foram atitudes condenadas pelo religioso. “ *Consta que Schagen era o único presicanteno Brasil holandês a não se trajar como os demais, que vestiam ao moda da pátria, com bata preta com colarinho à semelhança do pessoal da justiça*”.<sup>26</sup>

O mesmo religioso comprou de Antonio de Souza Moura, o engenho de São Tomé. O que chama atenção nesse dado é que o antigo proprietário se declarou satisfeito com o negócio e, levando em consideração o baixo salário de um predicante, 100 florins, e o valor médio de um engenho que segundo o autor Evaldo Cabral Mello variava em torno de 30 e 40 mil florins, tal negociação pode ter sido realizada às custas da Companhia das Índias Ocidentais.<sup>27</sup> Dada a inquirição, foi comprovada que as acusações de Soler tinham fundamento, ampliando ainda o número de predicantes de má conduta, ou agindo de má fé.

A despeito da enorme necessidade de prediques para darem prosseguimento à “fundação da Igreja de Cristo no Brasil”, os prediques responsáveis pela Igreja no Brasil holandês não estavam mais dispostos a tolerar o relaxamento da conduta ou despreparo teológico de alguns membros do corpo eclesiástico. Não havia mais lugar para prediques com conduta inadequada e tampouco para aqueles que não possuíam conhecimento teológico suficiente para o desempenho de suas funções.<sup>28</sup>

Não somente no campo religioso, a preocupação com uma boa conduta e vida regrada também incluía o trabalho na administração laica, além do quadro eclesiástico. “*A qualidade era mais importante que a quantidade: uma ética da continência, uma moral*

---

<sup>25</sup> *Dezessete Cartas*. op.cit.p23

<sup>26</sup> *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.41

<sup>27</sup> *Dezessete Cartas*. op.cit.p11

<sup>28</sup> *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missão calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.56

*da santidade e uma razoável formação teológico-doutrinárias masi do que nunca necessários para o serviço*”<sup>29</sup>

“*Em nome de Deus, senhores, mandai-nos quatro pessoas tanto de doutrina, de boa vida, como amantes da paz*”.<sup>30</sup> Suplica Soler em pedido encaminhado aos Diretores da Câmara Zelandesa da Companhia das Índias Ocidentais em Mildeburgo, por mais reigiosos para a colônia.

Por mais que a Classe fizesse o requerimento à metrópole de envio de mais religiosos aptos ao ensino, e mesmo que a metrópole desmontrasse atenção e empenho ao envio desses predicantes, o número deles da colônia sempre esteve abaixo do ideal. Muitas vezes o problema começava na própria viagem, como ocorreu com o primeiro predicantes Joahan Bears, que perdeu seu filho, e o próprio Soler:

Deus me fez chegar a bom porto depois duma viagem muito feliz; mas sem mercador de Colônia, de mim desconhecido, que me hospedou cinco semanas na sua casa, ainda estaria balanceando-me sobre o mar com minha mulher e minha filha, as quais estiveram muito doentes; ou melhor dito, todos juntos tivéssemos servido de comida de peixes.<sup>31</sup>

Em terra as dificuldades não cessaram, tendo alguns pastores mortos em emboscadas, ou mesmo desaparecidos. No que se refere a realidade da “Guerra do Açúcar” travada nese período, foi de interesse dos predicantes evangelizar os dois grupo que dela participava, porém os benefícios a eles permitidos pelo governo neerlandês batiam de frente com qualquer ânimo de missionação dos pedicantes. Não era possível alongar a evangerlização aos lusso-brasileiros católicos e judeus, pois tal medida entraria em contradição com os interesses econêmicos e políticos da WIC, como afirma Pedro Puntoni ao asseverar que “(...) *interesse em agradar e permitir aos portugueses a livre prática religiosa estava associada aos interesses imediatos da Companhia de mantê-los como fiéis colaboradores (...)*”.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Ibidem, p. 60

<sup>30</sup> <sup>30</sup> *Dezessete Cartas*. op.cit. p 39

<sup>31</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>32</sup> In: *O Leme espiritual do Navio Marcante: a missionação calvinista no Brasil holandês (1624-1654)*. op.cit.p.56

Um ponto de acordo entre a Companhia das Índias Ocidentais e os predicantes foi em relação aos índios. Ambos acreditavam que este grupo seria aliado fundamental para a conquista. Foi sobre eles que a missão reformada incidu mais fortemente, e alcançou resultados satisfatórios.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História: Especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.
- BOXER, Charles. *Holandeses no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional 1961.
- CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. *História Eclesiástica do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1955.
- GADAMER, HANS GEORG. *Verdade e Método*. Petrópolis: Editora: Vozes. Coleção: Pensamento Humano, 2008
- HEIDEGGER, MARTIN. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora: Vozes. Coleção: Pensamento Humano, 2006.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira. Do descobrimento à expansão territorial*. t.1. v.1. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2003.
- JASMIN, M.G. e FERES JR., João. *História dos Conceitos: Diálogos e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2007.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.
- LOPES, Adriana. *Guerra, Açúcar e Religião no Brasil dos Holandeses*. São Paulo: Editora SENAC.
- MÉCHOULAN, Henry. *Dinheiro e liberdade: Amsterdã nos tempos de Spinoza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- MELLO, Evaldo Cabral. *Imagens do Brasil Holandês, 1630-1654*. Brasília: Fundação Pró-Memória. Companhia Editora Nacional, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Negócio do Brasil Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1998.

- \_\_\_\_\_.*Rubro Veio - O Imaginário da Restauração Pernambucana*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1997.
- \_\_\_\_\_.*Nassau (Perfis Brasileiros)*. Companhia das Letras, 2006.
- MELLO, José Antonio Gonçalves de. *Tempo dos Flamengos: Influência da Ocupação Holandesa na vida e na Cultura do Nordeste do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.
- MOREAU, Pierre. *História das últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses e a Relação da Viagem ao País dos Tapuias*. Itatiaia: EDUSP, 1979.
- NEME, Mário. *Fórmulas Políticas do Brasil Holandês*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- OBERACKER JR, Carlos M. *A Contribuição tenta a Formação Brasileira*. Rio de Janeiro: Presença Edições.
- POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil Holandês, 1630-1654*. Pernambuco: 1986.
- VAINFAS, Ronaldo. *Traição - Um Jesuíta a Serviço do Brasil Holandês Processado Pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1ª edição, 2008.
- VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 até 1654*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.
- WÄTJEN, HERMANN, *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, trad. De Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, São Paulo: Companhia Editora Nacional 1951.
- WEHLING, Arno e WEHLING Maria José C. M.C. *Formação do Brasil Colonial*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.